

O Café Solúvel, sua Embalagem Original e Recuperação Total de Cafés Baixos

Foi fundada em São Paulo, uma nova sociedade comercial que dedicará-se à industrialização do café.

Dirigida pelo Dr. João Batista Nascimento Filho, advogado, industrial, culto e progressista fazendeiro de café, a nova sociedade dentro em breve funcionará em nosso Estado, sob a denominação de "Cafextrato Brasileiro S/A".

Em 19 do mês p.p., o presidente da "Cafextrato" pronunciou conferência no salão de reuniões da S. E. B., tendo pronunciado as seguintes palavras:

Exmos. Srs. Diretores da Sociedade Rural Brasileira

Minhas Senhoras

Meus Senhores

Ocupar a tribuna desta nobre casa dos fazendeiros paulistas, é para nós grande honra e inefável prazer. Congratulamo-nos, de igual modo, pelo desejo de poderemos falar do café aos seus mais lídicos defensores. Segundo levantadas diretrizes, tem esta prestigiosa entidade, em admirável coerência, representado papel de relévo na economia de São Paulo e do Brasil. Ainda recentemente, na Conferência Internacional do Café, prestou ela colaboração cabal, através de seus digníssimos Diretores.

O perigo de crise

Natural seja o café assunto predominante na coletividade, empolgando não apenas os lavradores, mas também comerciantes, industriais, banqueiros, homens de negócio em geral, assim como os estadistas, a quem cumpre a solução de nossos mais caros problemas. Ele é nossa divisa e nosso lastro no mercado externo.

Salientamos, de início, que não cremos em profecias de crises ou de salvança da pátria. A ciência econômica, tão ligada embora ao destino e progresso dos povos, não desvendou, ainda, o segredo de antever os acontecimentos. Maltus aparece, entre seus portavozes mais abalizados, como exemplo clássico para comprovar a fragilidade de previsões extremadas.

Exalça-se por toda a parte o perigo de crise. E o café, nossa maior força econômica, é o causador das inquietações.

O mais acertado, sem dúvida, é ficarmos com os que aconselham trabalho perseverante e prudente — e não é outra a orientação desta Casa — enquanto houver possibilidade de ser favorável o resultado da luta; enquanto houver possibilidade de lutar.

Um renomado pessimista ensina que não devemos, com as nossas providências, penetrar muito avanço, no futuro; é preciso encerrar, corajosamente, mais de um perigo, baseando-se na esperança de vê-los afastarem-se, como tantas sombrias nuvens de tempestade.

A Organização Internacional do Café

Já existe a Organização Internacional do Café. Por meio dela, procurar-se-á evitar, conforme acentuado, há pouco, o Sr. Ministro da Fazenda, em que um complexo econômico da magnitude do problema cafeeiro fique exposto a desajustes, surpresas e distorções profundas da competição pela conquista de mercados. Saliente-se que o sistema econômico da livre iniciativa não tem certas limitações. O domínio de mercados é tendência natural do comerciante, que nenhuma política econômica-financieira já mais, talvez, consiga suprimir. Contorná-la, com diplomacia, constituiu a preocupação das potências financeiras de todo o mundo.

Ninguém ignora, no caso da Organização Internacional do Café, que, em consequência do antagonismo de interesses entre países produtores e consumidores, haverá sempre dificuldades por



O Sr. João Nascimento Filho, quando pronunciava sua palestra, ladeado pelo pres. Costa Lima e dr. Piza Sobrinho.

vencer, quanto à criação de um organismo vantajoso a todos com igual peso e igual medida. Há quem sustente, até, que os países consumidores não levarão a sério o acordo do Rio, e que os euro-africanos de Bruxelas, Paris, Londres e algures participarão conosco somente na propaganda.

Bem se vê que não podemos dormir tranqüilos à sombra exclusiva da Organização Internacional.

Nada, todavia, obsta a que lhe devotemos o máximo carinho. A luz de modernas teorias econômicas, a Organização assume importância capital. Referimo-nos às teorias desenvolvidas por João Maynard Keynes e seus continuadores. Para o insigne mestre de Cambridge, autor da famosa «Teoria Geral do Emprego, dos Juros e da Moeda», a economia volta a converter-se em um estudo da sociedade em conjunto e não da empresa, ou consumidor, de per si ou individualmente.

A concepção de Lord Keynes da «função consumo» superou a linha-base da escola marginalista, para a qual a preferência dos consumidores é a chave de toda teoria econômica. Os comentaristas observam que a destruição desse princípio marginalista pela «função consumo» keynesiana se verificou em dois níveis: o primeiro se encontra na teoria da «procura efetiva», onde as aplicações, os gastos públicos e as exportações constituem os fatores dinâmicos, enquanto os gastos dos consumidores são um elemento puramente provocado; o segundo, na teoria do «efeito de demonstração», matéria desenvolvida por Duesenberry, na obra intitulada «Income, Savings and Theory of Consumer Behavior», e que se refere aos hábitos de consumo, que dependem não só do nível de renda, mas, igualmente, de sua distribuição e do efeito da propaganda e da pressão social; em suma, que o procedimento dos consumidores é determinado por fatores históricos,

condicionados pela organização social e pelo desenvolvimento da técnica da produção e da propaganda e não por supostas leis psicológicas, imutáveis no tempo e no espaço.

Apoia-se, aqui, muito bem, a Organização Internacional do Café, em linhas medulares de consagradas teorias econômicas. As grandes empresas, em todo o mundo, quando desenvolvem plano de aumento de produção, estrutura, concomitantemente, os processos para aumentar a procura de seus produtos.

Ora, a função específica da Organização Internacional do Café, afóra coletar estatísticas para se poderem fazer previsões seguras de mercado, é, como se sabe, a de reunir recursos para levar a efeito, em todo o mundo, intensa campanha de propaganda.

O café solúvel

Nessa mesma seqüência de fatos e teorias relevantes, surge o café solúvel. A princípio, ninguém lhe deu crédito. «Instant Coffee» apelidaram-no os americanos. A facilidade, contudo, e a rapidez com que se pode preparar uma xícara de café, utilizando-se de pó solúvel, despertaram interesse de muitos e, principalmente, dos americanos, sempre afeitos a resumir e sintetizar as coisas. Hoje, é impressionante a expansão do consumo de café solúvel em toda a parte. Um relatório anual — «Food Field Reporters», consigna a participação, só nos Estados Unidos, de mais de 25% de café solúvel, nas vendas do café comum. Asseveram outros observadores que mais de terça parte do café importado, por esse país, se converte em produto solúvel. Montaram-se, aí, poderosas fábricas. Há verdadeira corrida para o café solúvel, corrida que se estende por vários centros produtores da América Latina. Encontram-se instaladas e por instalar várias fábricas desse produto, no México, Salvador, Guatemala e outros países. Já em setembro do ano passado, divulgou nossa imprensa que a «nova revista «Café, Cacau e Chás», vol. 1, n. 1», teve comentário acerca da constituição de um truste norte-americano do café solúvel. Em fins de 1956, a «International Basic Economy Corporation» (IBEC), de Nova York e a Sociedade Tenco, de Linden (Nova Jersey), anunciaram um acordo para criar nova sociedade, cuja atividade será a de efetuar a mistura, acondicionamento e distribuição do café solúvel pelo mundo.